

Doi: 10.17058/rzm.v14i01.20221

# “É UM MUNDO DE ÁRVORES”: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO DA CRISE ECOLÓGICA EM THE OVERSTORY, DE RICHARD POWERS

“ES UN MUNDO DE ÁRBOLES”: ANÁLISIS DE LA REPRESENTACIÓN DE LA CRISIS ECOLÓGICA EN THE OVERSTORY, DE RICHARD POWERS

“IT'S A WORLD OF TREES”: AN ANALYSIS OF THE REPRESENTATION OF THE ECOLOGICAL CRISIS IN RICHARD POWERS' THE OVERSTORY



Joicy Silva Ferreira<sup>1</sup>

Thais Flores Nogueira Diniz<sup>2 3</sup>

**Resumo:** *The Overstory*, do autor estadunidense Richard Powers, dá vida e agência a um elemento que, muitas vezes, passa despercebido: as árvores. O presente artigo busca analisar como o romance representa questões ligadas ao desmatamento, a partir da perspectiva da ecocrítica intermediária. O objetivo é observar como o conhecimento científico é transposto para o romance e como o ativismo ambiental é representado, com ênfase nos atos de protesto e ecoterrorismo.

**Palavras-chave:** ecocrítica intermediária; desmatamento; *The Overstory*; Richard Powers.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG - Brasil

<sup>2</sup> Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG - Brasil

<sup>3</sup> Artigo desenvolvido com financiamento, através de bolsa de doutorado, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

**Resumen:** The Overstory, del autor estadounidense Richard Powers, da vida y agencia a un elemento que a menudo pasa desapercibido: los árboles. Este artículo pretende analizar cómo la novela representa cuestiones relacionadas con la deforestación desde la perspectiva de la ecocrítica intermedial. El objetivo es observar cómo se transponen los conocimientos científicos en la novela y cómo se representa el activismo medioambiental, haciendo hincapié en los actos de protesta y el ecoterrorismo.

**Palabras clave:** ecocrítica intermedial; deforestación; The Overstory; Richard Powers.

**Abstract:** The Overstory, by American author Richard Powers, gives life and agency to an element often unnoticed: trees. This article seeks to analyse how the novel represents issues related to deforestation from the perspective of intermedial ecocriticism. The aim is to observe how scientific knowledge is transposed into the novel and how environmental activism is represented, focusing on the acts of protest and eco-terrorism.

**Key-words:** intermedial ecocriticism; deforestation; The Overstory; Richard Powers.

## Introdução

“É um mundo de árvores, no qual os humanos acabaram de chegar”<sup>4</sup> (Powers, 2018, posição 6364, grifo do autor), já dizia Patricia Westerford, personagem do premiado romance *The Overstory*. O livro chama atenção e dá vida a elementos que, muitas vezes, passam despercebidos pela grande maioria da população: as árvores. Não apenas isso, ele coloca em questão o desmatamento desenfreado, motivado pela pressão capitalista de produção constante. A temática do romance reflete um ponto que vem sendo debatido já há algum tempo: as consequências dos problemas causados pela chamada era do Antropoceno. Como um reflexo dessa preocupação, elementos como o aquecimento global, a poluição, as consequências das mudanças climáticas, as ameaças à fauna e à flora e à própria sobrevivência humana estão cada vez mais presentes na literatura mundial, gerando até mesmo um subgênero da ficção científica chamado *climate fiction* (*cli-fi*). O presente artigo tem como objetivo analisar a representação da crise ecológica no romance, voltando-se para a questão central do desmatamento. Para isso, serão consideradas a forma como o conhecimento científico sobre árvores é transposto para o romance, bem como os atos de ativismo e ecoterrorismo representados nele.

Para tratar dessas representações, não só na literatura, como também em outras mídias, surge a ecocrítica intermediária, assim denominada pelo pesquisador sueco Jørgen Bruhn (2020). Essa nova perspectiva objetiva analisar e tratar dessas novas representações e de suas particularidades, observando, entre outras coisas, como o conhecimento produzido nas universidades é levado a transpor os muros da academia e alcançar o público em geral. “O gênio está fora da lâmpada”<sup>5</sup>, diz Bruhn (2020, p. 6), os problemas do Antropoceno vieram para ficar e, com isso, suas representações em diversas mídias também.

*The Overstory*, décimo segundo romance do autor estadunidense Richard Powers, foi publicado inicialmente em 2018 e recebeu o prêmio Pulitzer em 2019. O romance é dividido em quatro partes, nomeadas a partir de partes de uma árvore, sendo elas: *Roots* (raízes), *Trunk* (tronco), *Crown* (copa) e *Seeds* (sementes). *Roots* narra a história de algumas personagens, destacando a forma como cada uma delas se conecta a alguma árvore. A narrativa, nessa parte,

---

<sup>4</sup> No original: *It's a world of trees, where humans have just arrived*. A menos que seja mencionado, todas as traduções são de nossa responsabilidade.

<sup>5</sup> No original: *The genie is out of the bottle*.

é dividida como se fossem contos. Em *Trunk e Crown*, a história dessas pessoas se interconecta de formas inesperadas e o desenrolar desse entrelaçamento é narrado. Algumas personagens se casam ou se formam na universidade, outras se tornam ativistas e ecoterroristas, outras morrem. Por fim, *Seeds* traz o desfecho dessas histórias. O que é central na vida dessas personagens é o fato de que, em determinado ponto, todas elas estiveram relacionadas a árvores.

## **A ecocrítica intermediática e a representação da crise ecológica**

A interseção entre os estudos da intermedialidade e os da ecocrítica é um tópico recente, mas que já vem sendo abordado por diversos pesquisadores, e leva o termo de ecocrítica intermediática. De acordo com Bruhn (2020), a ecocrítica intermediática “pode ser um desenvolvimento produtivo e até mesmo necessário no campo da ecocrítica em particular e das humanidades ambientais em geral”<sup>6</sup> (p. 8), e é motivada pelo fato de que “os problemas do aquecimento global e da poluição, as ameaças à biodiversidade e outras ameaças reunidas sob o termo guarda-chuva agora popular do Antropoceno vieram para ficar”<sup>7</sup> (p. 5-6). Ou seja, a ecocrítica intermediática reflete sobre a forma como a crise ecológica, em todas as suas variáveis, é representada nas mais diversas mídias.

A ecocrítica intermediática, portanto, pode tornar

possível alcançar uma melhor compreensão da mediação da crise ecológica na sociedade e, em última instância, entender melhor como representar a crise na comunicação em diferentes mídias e, assim, trabalhar contra mal-entendidos ou desinformação pura e cínica.<sup>8</sup> (Bruhn, 2020, p. 13)

Além disso, ela também se preocupa com a maneira como o conhecimento acadêmico é transposto para diferentes mídias, de modo que ele seja mais facilmente assimilado pelo público em geral, visando combater a desinformação apontada por Bruhn (2020).

Ainda segundo o pesquisador, a ideia mais geral da ecocrítica intermediática seria, então,

a convicção de que a crise ecológica não é um problema ou uma condição restrita às investigações das ciências naturais, ou que as possíveis soluções

---

<sup>6</sup> No original: may be a productive and even necessary development in the field of ecocriticism in particular and the environmental humanities in general.

<sup>7</sup> No original: the problems of global warming and pollution, the threats to biodiversity, and other threats collected under the now-popular umbrella term of the Anthropocene are here to stay.

<sup>8</sup> No original: it possible to reach a better understanding of the mediation of the ecological crisis in society, and, in the final instance, to better understand how to represent the crisis in communication in different media, and thus work against misunderstandings or plain, cynical disinformation.

para a crise podem ser reduzidas a soluções tecnológicas. As humanidades precisam desempenhar um papel nessa questão.<sup>9</sup> (Bruhn, 2021, p. 119)

especialmente levando em consideração que os resultados das pesquisas desenvolvidas pelas ciências naturais precisam ser comunicados ao público em geral.

Além disso, é válido acrescentar que a ecocrítica intermediática parte do entendimento da ecocrítica como “o estudo da relação entre o humano e o não-humano ao longo da história humana e acarretando uma análise crítica do próprio termo ‘humano’” (Garrard, 2006, p. 16). Além disso, de acordo com Bruhn *et al.* (2023, p. 1038), “a ecocrítica é o estudo da literatura e do ambiente que rodeia os seres humanos, a forma como as relações humanas e não humanas são (re)apresentadas nos produtos midiáticos e as discussões sobre os alinhamentos filosóficos em relação ao conceito de ‘natureza’”<sup>10</sup>.

Pensar o conceito de natureza implica entendê-la não como um espaço físico à parte, como algo a ser revelado ou colocado na posição de Outro, que oferece origem de posição e serviço (Haraway, 2004), mas sim como algo integrado à cultura. O elemento natural não está restrito às áreas isoladas de conservação, se considerarmos que até o próprio corpo faz parte do que é natural. Como aponta Davide Scarso (2014, p. 57), é preciso pensar que a natureza, “como esfera dos processos físicos e químicos, como plano objectivo universal, é o produto de uma construção social e histórica”. Sendo assim, cada sociedade possui seu próprio conceito de natureza.

A partir disso, o presente artigo se volta agora para o romance *The Overstory*, focalizando a forma como a crise ecológica é retratada nele, bem como o processo de transposição do conteúdo acadêmico e científico para ele.

## **O conhecimento científico em *The Overstory***

Para tratar da representação do conhecimento científico na narrativa, precisamos focar principalmente em uma única personagem: Patricia Westerford, uma botânica. Patrícia cresce viajando por fazendas com seu pai e aprende com ele sobre o mundo natural. Ela se torna uma pesquisadora acadêmica e publica um artigo sobre a sua descoberta: árvores em florestas se

---

<sup>9</sup> No original: the conviction that the ecological crisis is not a problem or a condition restricted to investigations in the natural sciences, or that possible solutions to the crisis can be reduced to technological solutions. The humanities need to play a role in the question.

<sup>10</sup> No original: ecocriticism is the study of literature and the environment surrounding humans, how human and non-human relationships are (re)presented in media products, and discussions of philosophical alignments towards the concept of “nature.”

comunicam. Ela defende que as árvores trocam nutrientes, cuidam umas das outras e respondem coletivamente a ameaças, formando uma espécie de comunidade interconectada. Inicialmente, suas ideias não são bem aceitas, apesar de, ao longo do livro, aparecerem pessoas corroborando seu artigo e provando que ela estava, de fato, certa. Ao final da narrativa, Patricia volta a ser reconhecida como uma grande cientista e é convidada a dar palestras em vários lugares.

Devido às críticas que recebeu por causa de seu artigo, Patricia decide desistir da carreira acadêmica e acaba se tornando guia em uma floresta. Porém, lá ela encontra outros pesquisadores e acaba se envolvendo novamente com uma pesquisa. Talvez o ponto mais importante da história da personagem seja o fato de que ela escreve um livro reunindo todo seu conhecimento sobre as árvores, livro esse que todos as outras personagens do romance, em algum momento, leem. Seu livro, intitulado *The Secret Forest*, começa assim:

Você e a árvore no seu quintal possuem o mesmo ancestral. Um bilhão e meio de anos atrás, vocês seguiram caminhos separados. Mas mesmo agora, após uma imensa jornada em direções separadas, aquela árvore e você ainda compartilham um quarto dos seus genes...<sup>11</sup> (Powers, 2018, posição 1996-1998)

No final da narrativa, Patricia decide começar um banco de dados de sementes de árvores, visando a preservação. Para isso, ela começa a viajar o mundo em busca de sementes específicas, coletando exemplares, inclusive no Brasil, sendo motivada pela crença de que, em algum momento, essas sementes serão úteis em um processo de reflorestamento.

A figura de Patricia é importante, de um ponto de vista da ecocrítica intermediária, porque é através dela que o conhecimento científico é transposto para o romance. Ela inclusive se dedica ao trabalho de tornar esse conhecimento mais palatável para o público comum, enquanto está escrevendo seu livro. É amplamente reconhecido que Powers baseou a personagem Patricia tanto em figuras como a pesquisadora Suzanne W. Simard<sup>12</sup>, professora da University of British Columbia, autora do livro *Finding the mother tree: Uncovering the wisdom and intelligence of the forest* (2021) e que estuda como árvores em florestas se comunicam através de fungos micorrízicos, quanto no pesquisador Peter Wohlleben, autor de *The Hidden Life of Trees* (2015).

---

<sup>11</sup> No original: You and the tree in your backyard come from a common ancestor. A billion and a half years ago, the two of you parted ways. But even now, after an immense journey in separate directions, that tree and you still share a quarter of your genes...

<sup>12</sup> Cf.: Schiffman (2021)

Para escrever *The Overstory*, Powers alega ter lido mais de 120 livros sobre árvores e passado algum tempo caminhando em florestas (Preston, 2019). No romance, esse conhecimento é traduzido em longas passagens sobre as diferentes espécies de árvores e suas características, bem como em acontecimentos relacionados a elas. Por exemplo, no primeiro conto de *Roots*, o autor trata da praga que assolou os Estados Unidos, responsável pela morte de milhares de castanheiras:

MIL E DUZENTAS MILHAS A LESTE, na cidade onde a mãe de John Hoel costurava vestidos e seu pai construía navios, um desastre acontece sem que ninguém perceba. O assassino entra no país vindo da Ásia, na madeira de castanheiras chinesas destinadas a jardins sofisticados. Uma árvore no Bronx Zoological Park ganha as cores de outubro em julho. As folhas se enrolam e queimam até ficarem com um tom de canela. Anéis de manchas alaranjadas se espalham pela casca inchada. À menor pressão, a madeira cede. Dentro de um ano, manchas alaranjadas salpicam castanheiras em todo o Bronx - os corpos frutíferos de um parasita que já matou seu hospedeiro. Cada infecção libera uma horda de esporos na chuva e no vento. Os jardineiros da cidade mobilizam um contra-ataque. Eles cortam os galhos infectados e os queimam. Eles pulverizam as árvores com cal e sulfato de cobre em carroças puxadas por cavalos. Tudo o que eles fazem é espalhar os esporos nos machados que usam para cortar as vítimas. Um pesquisador do Jardim Botânico de Nova York identifica o assassino como um fungo novo para o homem. Ele publica os resultados e sai da cidade para vencer o calor do verão. Quando retorna, algumas semanas depois, não há uma única castanheira na cidade que valha a pena salvar.<sup>13</sup> (Powers, 2018, posição 149-157)

A narração continua explicando como o fungo se espalhou por uma parte do país, matando ainda mais espécies de castanheiras. A árvore da família de Nick Hoel, porém, permanece intacta.

Em alguns momentos, é utilizada uma linguagem mais técnica e científica, como em “Purdue obtém um dos primeiros protótipos de espectrômetros de massa de cromatografia gasosa quadrupolo”<sup>14</sup> (Powers, 2018, posição 1837), ainda que seguida por uma explicação sobre a funcionalidade do equipamento: “Com esse dispositivo, ela pode medir quais compostos orgânicos voláteis as grandes e antigas árvores do leste colocam no ar e o que esses gases

---

<sup>13</sup> No original: TWELVE HUNDRED MILES EAST, in the city where John Hoel’s mother sewed dresses and his father built ships, disaster hits before anyone knows it. The killer slips into the country from Asia, in the wood of Chinese chestnuts destined for fancy gardens. A tree in the Bronx Zoological Park turns October colors in July. Leaves curl and scorch to the hue of cinnamon. Rings of orange spots spread across the swollen bark. At the slightest press, the wood caves in.

Within a year, orange spots fleck chestnuts throughout the Bronx—the fruiting bodies of a parasite that has already killed its host. Every infection releases a horde of spores on the rain and wind. City gardeners mobilize a counterattack. They lop off infected branches and burn them. They spray trees with a lime and copper sulfate from horse-drawn wagons. All they do is spread the spores on the axes they use to cut the victims down. A researcher at the New York Botanical Garden identifies the killer as a fungus new to man. He publishes the results and leaves town to beat the summer heat. When he returns a few weeks later, not a chestnut in the city is worth saving.

<sup>14</sup> No original: Purdue gets hold of one of the first prototype quadrupole gas chromatography-mass spectrometers.

causam aos vizinhos”<sup>15</sup> (Powers, 2018, posição 1838-1839). Isso facilita o entendimento do leitor, que não precisa parar a leitura para pesquisar o que o equipamento faz.

De forma geral, a linguagem utilizada pelo autor ao longo do romance torna mais acessível o conhecimento técnico das características de cada espécie, devido às descrições detalhadas e vívidas de cada uma delas. O mesmo acontece quando ele trata dos resultados das pesquisas de Patricia. Por exemplo,

A confirmação veio na primavera seguinte. Mais três testes e ela está convencida. As árvores atacadas bombeiam inseticidas para salvar suas vidas. Isso é incontroverso. Mas outra coisa nos dados faz com que ela fique com dor de barriga: árvores um pouco distantes, intocadas pelos enxames invasores, aumentam suas próprias defesas quando a vizinha é atacada. Algo as *alerta*. Elas ficam sabendo do desastre e se preparam. Ela controla tudo o que pode, e os resultados são sempre os mesmos. Apenas uma conclusão faz sentido: As árvores feridas emitem alarmes que outras árvores farejam. Seus bordos estão *signalizando*. Eles estão ligados em uma rede aérea, compartilhando um sistema imunológico em hectares de floresta. Esses troncos parados e sem cérebro estão protegendo uns aos outros.<sup>16</sup> (Powers, 2018, posição 1885-1890, grifo do autor)

Sendo assim, pode-se perceber que o conhecimento científico é transposto para o romance através das descobertas de Patricia, bem como pelas descrições das árvores e de seus componentes. Ainda que os procedimentos da pesquisa de Patricia possam ser descritos utilizando termos técnicos, as descobertas da personagem são reveladas em linguajar comum, de forma bem explicada.

Considerando artigos científicos como um produto de mídia, referências intermediáticas<sup>17</sup> sobre o trabalho de Patrícia podem ser traçadas até artigos como o “Mycorrhizal networks: Mechanisms, ecology and modelling”, de Suzanne W. Simard *et al.* (2012), no qual os autores descrevem o funcionamento de redes de fungos micorrízicos, responsáveis pela comunicação entre plantas, e “Inter-plant communication through mycorrhizal networks mediates complex adaptive behaviour in plant communities”, de Monika

---

<sup>15</sup> No original: With such a device, she can measure which volatile organic compounds the grand old eastern trees put into the air and what these gases do to the neighbors.

<sup>16</sup> No original: Confirmation comes the following spring. Three more trials, and she’s convinced. The trees under attack pump out insecticides to save their lives. That much is uncontroversial. But something else in the data makes her flesh pucker: trees a little way off, untouched by the invading swarms, ramp up their own defenses when their neighbor is attacked. Something *alerts* them. They get wind of the disaster, and they prepare. She controls for everything she can, and the results are always the same. Only one conclusion makes any sense: The wounded trees send out alarms that other trees smell. Her maples are *signaling*. They’re linked together in an airborne network, sharing an immune system across acres of woodland. These brainless, stationary trunks are protecting each other.

<sup>17</sup> Entendidas como estratégias de constituição de sentido, que ocorrem quando uma mídia faz referência, alusão ou evocação de uma outra mídia. (Rajewsky, 2012)

A. Gorzelak *et al.* (2015), em que os autores explicam o que é uma rede de fungos micorrízicos e seu papel fundamental na manutenção de florestas e na natureza adaptativa complexa dos ecossistemas florestais. Além disso, apesar de, no romance, Patrícia descobrir a comunicação entre árvores através do estudo de árvores de bordo, pode-se perceber uma ligação também com o estudo de Simard sobre o papel fundamental de redes de fungos micorrízicos na organização de florestas de abetos de Douglas<sup>18</sup>.

É válido ressaltar que esses artigos são de autoria da própria Simard – em quem Patrícia é inspirada –, em colaboração com outros pesquisadores. Assim, vemos que a obra da pesquisadora não apenas inspira a criação da personagem, como permeia a obra de Powers e, por consequência, também as descobertas de Patrícia Westerford.

## **Representando a luta contra o desmatamento**

Em *The Overstory*, no que concerne à questão do desmatamento, tema central do livro, são relevantes as figuras de Olivia, Nick, Mimi, Douglas e Adam. Essas cinco personagens se envolvem com ativismo radical e até mesmo com atos de ecoterrorismo para defender florestas que estavam sendo cortadas por motivos comerciais, adotando pseudônimos inspirados por árvores – Olívia se torna Maidenhair, Nick é Watchman, Mimi é Mulberry, Adam é Maple e Douglas é Doug-fir. Olivia e Nick chegam a passar um ano inteiro vivendo em cima de uma sequoia gigante chamada Mimas, como forma de protesto e para impedir que madeiras a derrubassem. Eventualmente, são forçados a descer e a Mimas é derrubada, o que representa o estopim para eles se envolverem em atos mais radicais de ativismo.

O próprio Adam nota que, após a queda de Mimas,

Eles mudaram de uma forma tão sutil que nenhum teste de personalidade poderia quantificar. Mais sombrios, mais resolutos. A morte de Mimas comprimiu-os, como xisto em ardósia. A transformação deles faz Adam desejar ter escolhido outro tópico para pesquisar. Resiliência, imanência, numen- qualidades cuja área é notoriamente pobre em medir.<sup>19</sup> (Powers, 2018, posição 5023-5025)

---

<sup>18</sup> Cf. Simard (2009)

<sup>19</sup> No original: They've changed in some subtle way no personality test could quantify. Grimmer, more resolute. The death of Mimas has compressed them, like shale into slate. Their transformation makes Adam wish that he'd chosen some other topic to research. Resilience, immanence, numen— qualities his discipline is notoriously poor in measuring.

Aqui é necessário um parêntese para explicar que Adam é psicólogo e faz pós-graduação. Sua pesquisa se dedica a tentar compreender a motivação por trás da resolução de ativistas ambientais, o que o leva a conhecer as outras quatro personagens. Esse encontro acontece quando Adam vai até um dos acampamentos de ativistas em uma floresta para aplicar um questionário para coletar dados para sua pesquisa. Entretanto, ao entrevistar Olivia e Nicholas e passar um tempo com eles na copa da Mimas, ele acaba se envolvendo com a causa até o ponto em que abandona a pesquisa e se junta ao grupo nos atos de ativismo e, posteriormente, de ecoterrorismo.

A princípio, as personagens participam de protestos pacíficos, que são duramente repreendidos pela polícia local. Em determinado momento, durante um desses protestos, os policiais chegam a passar spray de pimenta nos olhos dos manifestantes, como tentativa de dispersar o grupo. O comportamento agressivo também é associado às pessoas responsáveis pelo corte das árvores, que ameaçam os ativistas em certos momentos.

Ao sentirem que o que estavam fazendo não estava surtindo efeito ou atraindo a atenção que desejavam, o grupo decide começar a queimar equipamentos de madeireiras que estavam derrubando árvores. Sobre esses primeiros atos de ecoterrorismo, a narrativa traz que:

É UM ATO ÚNICO de desespero. Mas a necessidade de justiça é como a propriedade ou o amor. Alimentá-la só a faz crescer. Duas semanas depois do depósito da máquina, eles atacam uma serração perto de Solace, na Califórnia, que funcionou durante meses com uma licença revogada e pagou a multa por incômodo com os lucros de uma semana. A mulher que ouve vozes diz como deve ser o ataque. O observador treinado faz a vigilância. A engenheira transforma duas dúzias de jarros de leite de plástico em dispositivos explosivos. O veterinário trata da detonação. O psicólogo os mantém em movimento. A máquina mortífera arde melhor do que qualquer um deles esperava. Desta vez, deixam uma mensagem rabiscada na lateral de um armazém próximo, poupado por estar cheio de madeira sem culpa. As letras são artísticas, quase floridas: NÃO À ECONOMIA DO SUICÍDIO, SIM AO CRESCIMENTO REAL<sup>20</sup> (Powers, 2018, posição 5152-5158)

Eles se aproveitam da formação de Mimi em engenharia para planejar as explosões, a partir das observações iniciais de Olivia, “a mulher que ouve vozes”. A alcunha vem do fato de

---

<sup>20</sup> No original: IT’S A SINGLE ACT of desperation. But the need for justice is like ownership or love. Feeding it only makes it grow. Two weeks after the machine shed, they target a sawmill near Solace, California, operating for months under a revoked license and paying the nuisance fine with a week’s worth of profits. The woman who hears voices says how the attack must go. The trained observer does the stakeout. The engineer turns two dozen plastic milk jugs into explosive devices. The vet handles the detonation. The psychologist keeps them going. Deadly machinery burns better than any of them expected. This time they leave a message scrawled on the side of a nearby warehouse, spared because it’s filled with blameless timber. The letters are artful, almost florid: NO TO THE SUICIDE ECONOMY YES TO REAL GROWTH

Olivia ter vivido uma experiência de quase morte, da qual ela retorna ouvindo vozes, que a inspiram a dedicar sua vida ao ativismo.

Nas páginas seguintes, o romance continua narrando a preparação para o próximo ato:

Não há cartas, nem emails, e quase não há telefonemas. Comunicam-se cara a cara ou não comunicam de jeito nenhum. Vivem de dinheiro vivo. Nada é escrito. A engenharia de Mulberry torna-se mais sofisticada. Ela começa a fazer o seu melhor trabalho, de longe, com a ajuda de panfletos clandestinos feitos à mão: *As Quatro Regras do Incêndio. Provocando Incêndios com Temporizadores Elétricos*. O novo design é mais fiável. Maple e Doug-fir fazem viagens de até cinquenta quilômetros para trazerem os materiais necessários.

Watchman e Maidenhair vigiam um dos locais recentemente arrendados - Stormcastle, em Idaho, nas Bitterroots, perto da fronteira de Montana. Pedacos saudáveis de floresta pública vendidos para dar lugar a mais um resort de quatro estações. Eles fazem a viagem e visitam o local à noite, quando o lugar está abandonado. O artista desenha tudo - as estradas recém-cortadas, os barracões de equipamento e os atrelados de construção, a pegada das novas fundações do resort. Há zelo nos seus esboços perfeitos e humildade. Enquanto ele desenha, a licenciada em ciências atuariais percorre o terreno limpo, marcando as distâncias entre as estacas.

Todos os cinco trabalham na garagem da Mulberry, sob uma tenda de fumaça, com roupas de pintor e luvas. Eles montam cascatas de baldes de combustível de cinco galões e dispositivos de cronômetro em Tupperwares de plástico. Eles marcam nos mapas do Watchman onde cada um dos dispositivos deve ir para criar a queima mais sustentável. Eles enviarão essa última mensagem e terminarão. Depois, eles se separarão e voltarão à rotina invisível, tendo chamado a atenção do país. Apelado para a consciência de milhões de pessoas. Plantado uma semente, do tipo que precisa de fogo para abrir.<sup>21</sup> (Powers, 2018, posição 5180-5191)

Esse detalhamento continua por algumas páginas, até o momento em que eles realmente colocam o plano em prática. Porém, nesse último ato, algo dá errado com um dos explosivos e Olivia acaba morrendo. Eles deixam o corpo dela para queimar junto com o lugar e, depois

---

<sup>21</sup> No original: All five of them work in Mulberry's garage, under a fume tent, in full-body painter suits and gloves. They assemble cascades of five-gallon fuel buckets and timer devices in plastic Tupperware. They mark on Watchman's maps where each of the devices must go to create the most sustainable burn. They'll send this one last message and be done. Then they'll split up, fade back into invisible routine, having gotten the country's attention. Appealed to the consciences of millions. Planted a seed, the kind that needs fire to open.

There are no letters or emails, and almost no calls. They communicate face-to-face or not at all. They live on cash. Nothing is written down. Mulberry's engineering grows more sophisticated. She starts in on her best work by far, tipped by handmade underground tracts: *The Four Rules of Arson. Setting Fires with Electrical Timers*. The new design is more reliable. Maple and Doug-fir drive as far as fifty miles away to get her the needed supplies.

Watchman and Maidenhair surveil one of the newly leased sites— Stormcastle, in Idaho, in the Bitterroots, near the Montana border. Healthy chunks of public forest sold off to make way for yet another four-season resort. They make the journey and tour the site at night, when the place is abandoned. The artist sketches everything—the newly cut roadbeds, the equipment sheds and construction trailers, the footprint of the resort's fresh foundations. There is zeal in his perfect sketches, and humility. While he draws, the actuarial-science dropout wanders the cleared ground, pacing out distances between survey stakes.

disso, cada um dos sobreviventes segue sua vida separadamente: Adam termina a tese dele e se torna um professor, Douglas se muda para uma cidade fantasma e trabalha lá como segurança e Mimi muda de cidade, de nome e de profissão, tornando-se psicóloga também. Os ex-ativistas vivem em relativa paz até o momento em que o Douglas é preso e entrega Adam, que acaba sendo condenado a 140 anos por atos de ecoterrorismo. Mas, com a publicidade atraída pelo julgamento, eles conseguem mandar a mensagem que queriam desde o começo.

Sendo assim, vemos que a luta contra o desmatamento aparece principalmente através dos protestos das personagens ativistas, apesar de ser também um pano de fundo para toda a narrativa. As árvores são tratadas, pelas corporações madeireiras e por certas políticas públicas, como recursos a serem explorados em prol de um bem maior, como a geração de empregos. Dessa forma, o desmatamento é apresentado como um sintoma de uma crise de percepção e valores, que leva a humanidade a não perceber as árvores como seres vivos e dotados de agência. E é contra essa crise que personagens como Olivia, Nick, Mimi, Douglas e Adam se revoltam. É a indiferença resultante dela que eles buscam eliminar. Desde a derrubada de Mimas até os atos de ecoterrorismo, é essa visão utilitarista sobre as árvores que as personagens tentam dismantelar.

## **Considerações finais**

A ecocrítica intermediária surge como uma tentativa de melhor compreender como a crise ecológica tem sido representada nos mais diversos produtos de mídia, com atenção especial à forma como o conhecimento científico é divulgado. Bruhn (2021) chama atenção ao fato de que as humanidades em geral precisam assumir seu papel no manejo da crise, principalmente considerando como essa crise é comunicada ao público em geral. Uma das formas de comunicação é, justamente, a literatura.

O romance *The Overstory* nos mostra de diferentes formas como o desmatamento interfere no ecossistema do planeta, desde emitindo comentários superficiais até dando explicações científicas detalhadas de como cada parte desse ecossistema se comporta e qual o papel de cada elemento nele. O conhecimento acadêmico é transposto através da personagem Patricia e através da narração do desenvolvimento das suas pesquisas. São detalhados os procedimentos experimentais, o processo de escrita de uma tese, a publicação de um artigo e a apresentação do trabalho em conferências, até o ponto final da publicação de um livro, *The*

*Secret Forest*. Além disso, o conhecimento de Powers sobre o mundo das árvores também é transposto através de longas passagens descritivas sobre as espécies e suas características.

Já o ativismo ambiental é retratado em sua forma mais radical ao longo do romance, ainda que de uma forma gradual, começando com algo pacífico como o *tree-sitting*, e culminando nos atos de ecoterrorismo. É possível perceber que o ativismo é representado em todas as suas facetas, mesmo que culmine na morte de uma personagem e na prisão de outras duas. A crise ecológica, aqui associada ao desmatamento, é marcada pela vida das pessoas envolvidas em tentativas de evitá-la, por aqueles que literalmente deram suas vidas à luta.

## Referências

BRUHN, Jørgen; DAVIDSSON, Matilda; SALMOSE, Niklas. The Ecological Crisis and Intermedial Studies. In: BRUHN, Jørgen; LÓPEZ-VARELA, Asunción; VIEIRA, Miriam de Paiva. (eds) *The Palgrave Handbook of Intermediality*. Palgrave MacMillan Gram, 2023, p. 1033-1060.

BRUHN, Jørgen. Towards an Intermedial Ecocriticism. In: ELLESTRÖM, Lars (ed.). *Beyond Media Borders*. Volume 2. Palgrave MacMillan, 2021, p. 117-148.

BRUHN, Jørgen. Intermedial Ecocriticism: The Anthropocene Ecological Crisis across Media and the Arts. *Ekphrasis: Images, Cinema, Theory, Media*, v. 24, n. 2, p. 5-18, 2020.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Tradução de Vera Ribeiro. Editora Universidade de Brasília, 2006.

GORZELAK, Monika A., et al. Inter-plant Communication through Mycorrhizal Networks Mediates Complex Adaptive Behaviour in Plant Communities. *AoB Plants*, v. 7, p. plv050, 2015. <https://doi.org/10.1093/aobpla/plv050>. Acesso em: 14 Jul. 2025.

HARAWAY, Donna Jeanne. *The Haraway Reader*. Nova York e Londres: Routledge, 2004.

POWERS, Richard. *The Overstory*. W. W. Norton & Company, 2018. Edição do Kindle.

PRESTON, Alex. Richard Powers: ‘I’ve read more than 120 books about trees’. *The Guardian*, 11 maio 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2019/may/11/richard-powers-interview-the-overstory-radicalised>. Acesso em: 17 fev. 2025.

RAJEWSKY, Irina O. Intermidialidade, intertextualidade e “remediação”: Uma perspectiva literária sobre a intermidialidade. In: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (Org.). *Intermidialidade e estudos interartes: Desafios da arte contemporânea*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012, p. 15-46.

SCARSO, Davide. Pensar a natureza na época do Antropoceno. *Imprópria – política e pensamento crítico*, n. 4, p. 52-61, 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/8765149/Pensar\\_a\\_natureza\\_na\\_%C3%A9poca\\_do\\_Antropoceno](https://www.academia.edu/8765149/Pensar_a_natureza_na_%C3%A9poca_do_Antropoceno). Acesso em: 18 fev. 2025.

SCHIFFMAN, Richard. ‘Mother Trees’ Are Intelligent: They Learn and Remember. *Scientific American*, 4 maio 2021. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/mother-trees-are-intelligent-they-learn-and-remember/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

SIMARD, Suzanne W. et al. Mycorrhizal networks: Mechanisms, ecology and modelling. *Fungal Biology Reviews*, v. 26, p. 39-60, 2012.

SIMARD, Suzanne W. The Foundational Role of Mycorrhizal Networks in Self-organization of Interior Douglas-fir Forests. *Forest Ecology and Management*, v. 258, p. S95-S107, 2009.